

APRESENTAÇÃO

Num poema de *Peregrinatio ad Loca Infecta*, “Tentações do apocalipse”, Jorge de Sena escreve: “Que os sóis desabem. Que as estrelas morram. / Que tudo recomece desde quando a luz / não fora ainda separada às trevas / do espaço sem matéria. Nem havia um espírito / flanando ocioso sobre as águas quietas, / que pudesse mentir-se olhando a Criação. / (O mais seguro, porém, é não recomeçar.)” Performativo trágico, a convocar o fim dos tempos, mas para pensar um recomeço de todas as coisas – ou nem isso: fim sem recomeço, fim do fim, coisa nenhuma.

Que relação existe entre a poesia e o fim de todas as coisas – convocação, exorcismo, desejo ou temor? Como pode o poema dizer os fins – Auschwitz, Vietnam, Kosovo – e reivindicar a resistência da esperança? Entre o culminar do tempo no Apocalipse joanino e a dissolução da fala em Paul Celan, como se enuncia o fim do mundo?

Talvez a resposta, uma das respostas possíveis ou necessárias, seja a recusa do próprio conceito de fim. Não que nos iludamos sobre a nossa própria mortalidade – aliás, de toda a humanidade –, nem sobre quaisquer veleidades de imortalidades simbólicas. Nos tempos que correm, depois do fim das várias experiências ideológicas que dominaram o século XX, depois do retorno sangrento dos fantasmas nacionalistas na Europa, ou até ao quase fim da noção habermasiana de uma Europa como projeto, seria de se pensar que a ideia de fim, ou de finitude, quer como cumprimento inefável de uma teleologia cega, quer como ruína e derrota total de todas as utopias, se impusesse. E no entanto... no entanto, aquilo que vemos ainda, e apesar de todo o esmagador poder da máquina triturante e auto-destrutiva em que o capitalismo na sua fase selvagem se tornou, é um florescimento de

formas de resistência, de perspectivas alternativas que apontam para uma possibilidade de futuro.

É dessa hipótese de futuro que este número de *eLya* trata, ao invocar as relações entre poesia e fim do mundo, simultaneamente entendendo a poesia como testemunho e protesto, como força e vontade. Essas visões outras, não alinhadas ao boçal conformismo tão apregoado como panaceia em tempos de crise, informa os vários ensaios deste número, desde a conexão entre fim do mundo e re-início no ensaio de abertura assinado por Rosa Maria Martelo às “fotografias para o fim do mundo” de Susana Paiva que fecham, sem concluírem de modo algum, o volume. Entre a espectralidade e a ruína, mas também a denúncia e o desejo, a poesia observa o fim do mundo, anunciado mas infinitamente adiado.

Paulo de Medeiros

Pedro Eiras